

.III

A Barbacã da Muralha de Tavira

Manuel Maia*

Resumo

Na tentativa de implementar um projecto de recuperação e aproveitamento turístico da zona Norte da Muralha de Tavira, a Câmara Municipal desta cidade resolveu destruir um velho muro existente na Bela Fria e substituí-lo por uma construção em betão armado. Como se tratava de uma obra dentro da zona de protecção a um Monumento Nacional, foi necessário o acompanhamento arqueológico.

Quando a máquina que iria derrubar o velho muro retirou a primeira terra logo foi possível identificar uma construção que sem dúvidas é a barbacã da Muralha de Tavira.

Abstract

Câmara Municipal de Tavira, planning to recuperate the cultural heritage and to improve tourist conditions around the North section of the city fortification, has decided to destroy an old wall existing in Bela Fria, to put in its place a modern concrete building. As the work fell into the area of protection of a classified monument (Monumento Nacional), the law imposed the archaeological survey.

When the caterpillar begun its work, it was immediately to be seen that we were dealing with the ancient barbican of the city wall of Tavira.

* Campo Arqueológico de Tavira, Rua Alexandre Herculano, 18, 8800 – 294 Tavira.
Email: arqueologia.tavira@sapo.pt

No ano de 1995, enquanto aguardava luz verde do Banco Nacional Ultramarino para iniciar as escavações na sua agência em Tavira, autorização que só chegaria no ano seguinte, encarregou-me o então Director do Departamento de Arqueologia do IPPAR, Dr. Fernando Real, de fazer um levantamento fotográfico, tão completo quanto possível das muralhas de Tavira. Foi esse o meu primeiro contacto com o monumento.

Pelo exterior torna-se ainda hoje extremamente difícil observar o que resta desta imponente construção defensiva, pelo interior é praticamente impossível. (Planta)

Em frente da Câmara Municipal, na Praça da República, nos anos cinquenta do século passado, destruíram um grande troço do que já era, há vinte anos, Monumento Nacional. Recolhi relatos do que foi uma obra morosa e difícil de realizar. Não admira. A avaliar pelo que se passava dentro do BNU, na mesma Praça, tratava-se de uma muralha com cerca de dez metros de altura, uma espessura de quatro metros e meio e construída em taipa ciclópica, fabricada com uma fortíssima argamassa de cal e areia na qual estavam embebidas pedras de calcário cinzento extraordinariamente duro.

Penso que ainda existem, hoje em dia, alguns vestígios desta construção monumental nas traseiras de algumas das lojas abertas nesta praça. Nenhum destes estabelecimentos comerciais é muito fundo e acredito que o principal motivo seja o facto de ainda aí estar a parte mais baixa da face externa da muralha correspondendo ao que no interior são os alicerces.

Mais recentemente, penso que por volta dos anos sessenta do século XX, pelo estilo do edifício aí erguido, foi destruído o pano que ligava o troço descoberto em BNU ao Arco de D. Manuel.

Depois deste arco, a muralha volta a desaparecer dentro dos prédios que se seguem até ao Castelo.

No início das escavações que realizámos no terreno destinado à ampliação da Pensão Castelo, assisti

à destruição, com martelo pneumático de um troço da muralha islâmica, derrube realizado por ordem do dono daquele estabelecimento. Nada pude fazer porque o então Director Regional do IPPAR tinha autorizado todas as obras na ampliação da unidade hoteleira.

Continuemos, porém, a observar a Muralha de Tavira pelo exterior. Existe uma fotografia em que se vê, na esquina da rua da Liberdade com a rua D. Paio Peres Correia, uma torre da muralha, (Damião Augusto de Vasconcelos – 1989). À frente podia ver-se o edifício da Antiga Cadeia Civil, construção de aspecto seiscentista.

O século XX, porém, foi, talvez, o período em que a grande obra defensiva de Tavira mais sofreu. Por meados do século passado, época em que foi destruída a torre antes referenciada e o edifício da Cadeia Civil para aí ser construído o edifício dos Correios, começou a confundir-se em Portugal o conceito de Progresso com o de Betão Armado, julgo que por uma má compreensão das ideias de Duarte Pacheco. Infelizmente esta confusão tão útil a empreiteiros, subempreiteiros, governantes e autarcas continua a ser mantida e até acarinhada e tanto o Património Ambiental como o Cultural vão ficando cada vez mais pobres.

A torre destruída guardaria a porta de Alfeição, de que ainda existem vestígios no final da Rua D. Paio Peres Correia. Outra torre, bem como um bom troço de muralha, encontram-se dentro do edifício de gaveto entre a Rua D. Paio Peres Correia e a rua da Liberdade na esquina oposta à dos Correios.

Começando a subir a Rua Miguel Bombarda, vamos entrever por entre muros em ruínas e casas degradadas mais um troço da muralha medieval. Para além dessa visão degradante, aqui e ali, por entre arvoredos, telhados que ameaçam desabar e antenas de televisão temos a vaga imagem do que parecem ser algumas torres da muralha.

Continuando a subir a dita rua Miguel Bombarda e virando pela rua dos Mouros, chegamos à esquina da Travessa dos Escuteiros onde deparamos com a maior das torres que defendia a cidade, a torre oca.

Mais uma vez perdemos a visão da muralha. Mas, um pouco à frente, na Rua da Porta do Postigo, em 1995/6 ainda era possível observar-se um pano com alguns metros da muralha, em taipa militar. Câmara e

IPPAR permitiram aqui a construção de um edifício com dois pisos, em substituição da casa pré-existente, apenas com piso térreo. Do pano com vários metros que aí se podia observar apenas é visível um pequeníssimo troço, mas ainda que escondida dos olhos de quem tem o mau gosto de se preocupar e apreciar o Património, ela continua lá, em mau estado, a precisar de restauro urgente mas existe.

Saindo do Largo da Porta do Postigo para a Bela Fria, a muralha segue entre as casas da rua António Viegas e o Convento da Graça, futura Pousada da ENATUR e antigo quartel do exército. A construção defensiva que era, a partir do século XVI, cerca do convento dos frades agostinhos resistiu desde o século XIX à presença militar. Nesta zona existe, ainda, a Torre da Vigia que ostenta arcos ogivais.

Na rua da Bela Fria, entre a António Viegas e a calçada de Santa Maria é visível um largo pano de muro, em taipa ciclópica, de onde sai o passadiço de uma torre albarrã, há muito destruída, construído no mesmo tipo de material.

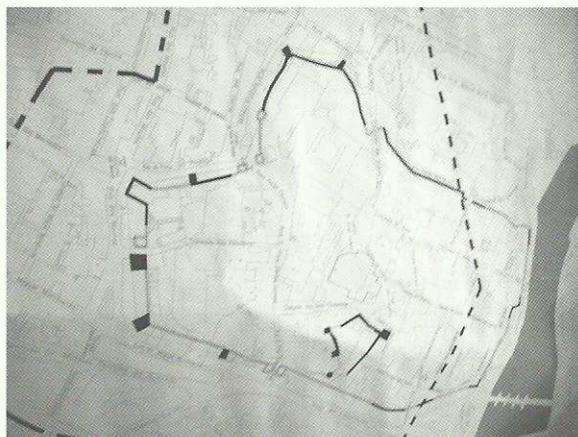
Ainda que o desconhecesse aquando do meu primeiro périplo pela periferia da muralha, na calçada de Santa Maria existiu uma porta, a Porta da Vila Fria (Anica, 1993 p.73)¹ que, penso hoje, seria uma porta monumental.

Nesta artéria ou porque a muralha tenha caído ou por os militares não a considerarem suficientemente forte para sua segurança, aquela obra defensiva foi substituída por um muro de betão. Mais, este muro não seguiu o traçado original o que actualmente dificulta a sua reconstituição bem como a localização da porta, talvez em cotovelo.

No Verão de 2005 houve esperanças de que a Porta fosse localizada. Obras no Convento da Graça, a abertura de um esgoto da futura Pousada, implicaram a abertura de uma vala na calçada de Santa Maria.

Havendo acompanhamento arqueológico da obra, por parte da equipa de arqueologia da Câmara Municipal de Tavira, no desempenho das minhas funções desloquei-me ao local.

A vala aberta para a colocação de um cano tinha posto a descoberto um muro de considerável largura.



Planta – Muralhas de Tavira

Podia perfeitamente pertencer à Porta da Vila Fria. Face a esta perspectiva contactei a Direcção do IPA que de acordo com a minha informação me encarregou de avisar a arqueóloga presente de que seria necessário fazer aí uma pequena intervenção para se tentar a identificação da construção e se proceder ao seu registo gráfico. Apesar da ordem dada pelo organismo que superintende à actividade arqueológica em Portugal, a intervenção não só não foi realizada como a vala para a colocação do cano foi rapidamente tapada.

Partindo da calçada de Santa Maria na direcção da Travessa dos Pelames existe uma rua com o sugestivo nome de Rua de Trás dos Muros.

Logo em 1995 a construção que limitava esta rua pelo lado Sul, me chamou a atenção, primeiro porque ainda que de início corresse, aparentemente, na continuação da muralha islâmica, em taipa ciclópica, que começava na calçada de Santa Maria e apresentava evidentes sinais de destruição, poucos metros à frente, curvava um pouco e o aspecto era imediatamente diferente, parecendo mais um muro de contenção de terras, com aberturas para escorrer as águas pluviais, do que uma muralha defensiva. No final da rua de Trás dos Muros, a defender o que interpretei como uma antiga porta, pude observar uma torre em taipa militar, a necessitar de urgente restauro mas que se encontrava embebida pelo muro que corria ao longo da rua de que tenho vindo a falar. Esta torre, de que apenas cerca de

¹ Este autor afirma na, p. 73 da obra citada, que no local ainda existem, visíveis, vestígios dessa porta. Nunca vi, à superfície do terreno nada que mostrasse minimamente serem os vestígios de uma porta.

dois terços saem da parede, era a prova de que o muro que vínhamos a seguir, não fazia parte da construção defensiva islâmica.

Depois desta torre e na esquina da rua de Trás dos Muros com a Travessa de D. Ana, o dito muro adquire um perfil abaluartado. Será que esta zona recebeu reconstruções no período Manuelino, época em que se começaram a usar muralhas com inclinação em vez de construções na vertical? Ou será obra do século XVII, período em que a Guerra da Restauração foi motivo para construções defensivas apressadas em muitas cidades do País?

Apenas uma sondagem arqueológica nos permitirá saber com exactidão a cronologia desta construção.

Esta zona onde é visível um muro rampado, continua do outro lado da Trv. de D. Ana, onde vai embeber uma outra torre em taipa militar, ainda em pior estado de conservação do que a anteriormente referida e, portanto, também ela a necessitar de urgente restauro.

Depois desta última torre a muralha desaparece por traz de casebres degradados e paredes a ameaçar ruína.

Penso que a muralha medieval viraria aí para o Terreiro do Parguinho e correria por traz da rua Gonçalo Velho até ao antigo Terreiro da Vila.

Na rua dos Pelames marginal ao rio, curiosamente, o muro defensivo é conhecido como *a barbacã* e em anterior trabalho (Maia e tal., 2001, p.73) considerei que esta zona seria de fábrica Manuelina. Essa é também a opinião de Casimiro Anica (Anica, 1993, p.74). Actualmente e embora não possua dados concretos (fornecidos por sondagens arqueológicas) sobre esta zona, sou levado a crer que esta barbacã terá sido erguida em período muçulmano e consolidada ou reconstruída no século XVI.

Perdeu-se a oportunidade de confirmar esta hipótese. Os proprietários dos dois conjuntos habitacionais que ocupam o espaço entre o Terreiro do Parguinho e a Fonte das Bicas, apesar de várias informações e pareceres no sentido de serem obrigados a sondagens arqueológicas nas alterações que pretendiam efectuar e efectuaram no local, furtaram-se ao cumprimento do que lhes era imposto sem que a fiscalização da autarquia interviesse, como era sua obrigação.

Estou, porém, convicto de que uma parte desses edifícios se ergue sobre a barbacã, só assim se explicando a parede cega, virada para o rio e com, aproximadamente, três metros de altura.

No já citado Terreiro da Vila, abrir-se-iam duas portas. Uma a do Terreiro da Vila, no final da actual calçada da Galeria, outra no final da Travessa da Fonte.

A existência desta última Porta que não é mencionada por nenhum dos poucos autores que escreveram sobre a Muralha de Tavira, parece demonstrada pela capelinha de Nossa Senhora da Piedade. Era costume, após a conquista de uma cidade islâmica, cristianizar, ao menos, uma das portas com a construção de uma capela, caso de Loulé ou de um simples nicho, como em Faro.

A muralha seguiria por detrás das casas da rua Gonçalo Velho e da Travessa da Fonte, até à Praça da República. Do ponto em que estas duas artérias se cruzam sairia o passadiço que ligava à torre albarrã que dominava a saída da Ponte e que se conhece por figurar pelo menos numa fotografia do século XIX.

Mas voltemos à rua de Trás dos Muros. Quando em 1995 percorri pela primeira vez esta rua, para além da estranha sensação de caminhar ao lado de uma muralha que se percebia que não o era, havia a grande dificuldade de romper pelo meio de ervas, piteiras que quase atravessavam o caminho e de dejectos de toda a espécie que juncavam o chão, parecia que este caminho que corre a meia encosta entre o Bairro Social da Bela Fria, antigo porto interior fenício (Maria Maia, 2003, p.63), e o que parece ser a base da muralha islâmica tinha qualquer coisa de artificial. Não se tratava de um caminho, como os outros aberto e calcado por gerações de viandantes que escolheram aquele trilho para se deslocarem, mais parecia que caminhávamos sobre via aberta a meia encosta e coberta por alguns metros de entulhos.

Nos poucos pontos em que se podia olhar, através do mato existente, para a encosta subjacente, para além de podermos contemplar um degradante e degradado panorama de casebres de construção recente mas frágil, algumas leiras de horta mais ou menos tratadas e muito lixo, notava-se a existência de um muro em taipa que como que amparava um caminho que tra-



Fig. 1 – Capa manuelina da barbacã e rocha base

çado a meio de uma encosta de pronunciado declive, seria intransitável se não tivesse sido construído esse muro que nivelava o terreno. Em princípio acreditei ser essa a função dessa construção que se podia observar aqui e ali.

Alguns anos depois a Câmara Municipal de Tavira procedeu à limpeza desta rua, desmatando e limpando a imundice que juncava o solo. Procedeu também ao desmonte de alguns pombais que aí existiam e elaborou um projecto de recuperação da encosta da Bela Fria.

Não vou fazer nenhuma apreciação a esse projecto que me parece inviabilizado, direi apenas que se tratava de uma obra em que o betão imperava.

Para a concretização do programa camarário tornava-se indispensável retirar da encosta o conjunto de pequenas construções abarracadas que aí tinham sido

erguidas depois da ocupação das casas do bairro social da Bela Fria. Tive conhecimento de que aquando da construção deste conjunto habitacional, por meados da década de setenta do século XX, os moradores foram praticamente “convidados” a ocupar esta faixa de terreno em declive que se localizava por traz do seu local de residência. Assim surgiram pequenas arrecadações, pombais e hortas.

Quando a Câmara Municipal pretendeu implementar o seu projecto viu-se a braços com a oposição dessa população que se considerava com direitos sobre o terreno ocupado.

Foi necessário negociar e a Autarquia comprometeu-se a construir uma série de arrecadações na base desta encosta. A construção, porém, obrigava a derrubar o velho muro de taipa e a aí construir uma *moderna* e *sólida* estrutura em betão.

Nesta altura e depois de frequentes deslocações ao local já eu suspeitava que o muro em taipa não era apenas uma construção destinada a suportar o caminho construído a meia encosta.

Numa manhã de Maio de 2005, apresentou-se no Campo Arqueológico de Tavira, um senhor que informou ser o representante do empreiteiro que se encontrava na Bela Fria, com uma equipa de operários e uma máquina para destruir o *muro velho* e que só naquele momento tinha sido informado pela Câmara de que a obra necessitava de acompanhamento arqueológico. Pretendia saber o que podia fazer. Como estávamos em zona de protecção à Muralha de Tavira, classificada desde 1939, informei-o de que nada podia ser feito sem autorização do IPA e do IPPAR.

Dirigi-me, na minha qualidade de técnico do IPA, ao local, sendo acompanhado pela equipa do Campo Arqueológico de Tavira.

Junto do *muro velho* via-se um monte de entulho

com aspecto de não ser muito antigo, entulho esse que tapava toda a base do muro. A parte visível da antiga construção encontrava-se em grande parte rebocada mas onde essa argamassa tinha caído via-se uma construção em pedra que, pelo tipo de aparelho, nos parecia uma construção do período Manuelino.

Pedi, então, ao operador de máquina que retirasse o entulho que cobria a base do muro. Não havia mais que dois ou três metros cúbicos de terra onde os materiais eram fragmentos de tijolo, plásticos, algumas seringas e restos vários da nossa época.

Este trabalho permitiu de imediato verificar que, no mínimo estávamos na presença de um muro datável do século XVI (fig. 1).

Mas, por traz do aparelho manuelino, podia ver-se, nalguns pontos em que a construção estava mais degradada, um sólido muro de taipa. A edificação manuelina, não era senão o capeamento de uma outra construção em taipa (fig. 2).



Fig. 2 – À direita da fotografia pode ver-se a taipa militar



Fig. 3 – Aspecto do topo da barbacã, com as marcas dos taipais

Este muro assentava directamente no geológico, aqui constituído por uma rocha calcária bastante branda, caliço (fig. 2).

Havia que fazer uma sondagem com o máximo de cuidado mas teria que ser efectuada pelo outro lado da parede.

Dirigimo-nos, então para a rua de Trás dos Muros onde procedemos à demolição de um muro de tijolo moderno que assentava sobre a antiga construção e efectuámos a limpeza da superfície do terreno. Com a simples utilização de vassoura e de colher de estucador, pôs-se a descoberto a superfície de uma grossa muralha, em taipa militar, muito possivelmente almóada, com uma espessura de 1,80 m e que subia apenas até ao nível do solo da rua (fig. 3).

Utilizo o termo solo e não pavimento porque esse ainda não foi descoberto pensando eu que ainda se encontrará a alguma profundidade. Do actual nível de circulação para cima, o muro estava destruído.

Esta simples limpeza permitiu-nos verificar que a muralha tinha sido construída de uma forma diferente da das vulgares paredes. Enquanto nestas os taipais são colocados longitudinalmente, de forma que com cada molde se façam cerca de 2 m de parede com 60 a 80 cm de espessura, aqui, os taipais foram postos transversalmente o que produzia cerca de 1,80 m de espessura e apenas 70 cm de comprimento de parede (fig. 4). Este método foi também utilizado por exemplo no Castelo de Paderne.²

² Agradeço a informação ao Dr. Rui Parreira.

Com esta limpeza da superfície do muro pudemos ainda pôr a descoberto os negativos dos moldes dos taipais que serviram para a sua construção.

Já não restavam dúvidas de que não estávamos perante um *muro velho*, que se podia destruir sem responsabilidades, mas face a uma construção defensiva rara em Portugal ou seja uma barbacã.

Procedemos então a uma pequena sondagem com não mais de 20 cm de profundidade, ao longo do troço identificado. Pudemos assim verificar que a face interna desta construção era rebocada e caiada.

Esta intervenção decorreu nas proximidades do topo Norte da Barbacã, a que fica mais perto do rio.

Tendo já um conhecimento bastante concreto

do aspecto desta construção defensiva, percorri toda a rua de Trás dos Muros observando a tal estrutura que inicialmente pensara ser de suporte de terras: Já não restam dúvidas de que se trata da Barbacã que, assim, terá cerca de 140 m de comprimento e alguns metros de altura.

Em Tavira é agora conhecido um novo monumento, também ele Monumento Nacional que, após investigação arqueológica e correcto restauro, será uma mais valia como atracção turística e como valorização de uma das mais degradadas áreas do Centro Histórico desta cidade.

Assim haja vontade política e financiamento para levar a bom termo esta tarefa.



Fig. 4 – Vista da parte superior da barbacã vendo-se o negativo dos taipais e observando-se a espessura da construção

Bibliografia

ANICA, Arnaldo Casimiro (1993), *Tavira e o Seu Termo*, CMT, Tavira.

MAIA et al. (2001), "As Muralhas Medievais e Post Medievais de Tavira", in *Património Islâmico dos Centros Urbanos do Algarve: Contributos para o Futuro*, pp.66 a 80, CCRAlg, Faro

MAIA, Maria Garcia Pereira (2003), "Fenícios em Tavira", in *Tavira, Território e Poder*, pp 57 a 72. MNA, Lisboa

VASCONCELOS, Damião Augusto de Brito (1989), *Notícias Históricas de Tavira*, CMT, Tavira